
CONTRIBUTO DAS ATIVIDADES DE COMPLEMENTO CURRICULAR (CLUBE DE MÚSICA) NO DESEMPENHO ACADÊMICO DE ESTUDANTES DO ENSINO BÁSICO

Márcia Moura*, Marta Martins** & Daniela Coimbra***

Resumo: O presente artigo expõe os resultados de um estudo cujo objetivo foi o de analisar a relação entre a frequência de atividades de complemento curricular – clube de música – e o desempenho académico de estudantes do 2º ciclo do ensino básico, realizado no ano letivo de 2009/2010 com 329 estudantes de seis escolas do norte litoral de Portugal. Os resultados confirmam a existência de uma relação positiva entre a frequência de atividades de complemento curricular – clube de música – e os resultados escolares dos/as estudantes do 2º ciclo do ensino básico, relação esta que se estabelece não apenas com a disciplina diretamente relacionada com a área do Clube (de Música), mas também com disciplinas nucleares, como é o caso da Língua Portuguesa e da Matemática. O ensino não-formal da música nas escolas públicas nacionais é aqui revelado como um espaço preponderante na contemporaneidade educativa, pelo contributo que parece dar para a formação integral do indivíduo.

Palavras-chave: atividades de complemento curricular (clube de música), atividade musical, desempenho académico

CONTRIBUTION FROM COMPLEMENT CURRICULAR ACTIVITIES (MUSIC CLUB) TO THE ACADEMIC ACHIEVEMENT OF STUDENTS FROM BASIC EDUCATION

Abstract: The aim of this paper is to study the relationship between the attendance of complementary curricular activities – music club – and the academic performance of students of the 2nd cycle of basic education. A quasi-experimental study was conducted with 329 students from six schools in the north coast of Portugal in the academic year of 2009/2010. The results indicated a positive relationship between the attendance of complementary curricular activities – music club – and the academic

* Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa (Porto/Portugal).

** Unidade de Investigação em Música, Artes e Espetáculo, Escola Superior de Música, Artes e Espetáculo (ESMAE) – Instituto Politécnico do Porto (Porto/Portugal).

*** Escola Superior de Música, Artes e Espetáculo (ESMAE) – Instituto Politécnico do Porto (Porto/Portugal).

achievement of these students. This relationship is established not only with the subjects directly related to the Club area (Music) but also with core subjects, like Portuguese Language and Mathematics. The non-formal musical education in the national school system emerges as a prominent space in contemporary education, one which seems to give a definite contribution to the holistic development of the individual.

Keywords: complementary curricular activities (music club), musical activity, academic performance

CONTRIBUTION DES ACTIVITÉS DE COMPLÉMENT CURRICULAIRE (CLUB DE MUSIQUE) POUR LA PERFORMANCE SCOLAIRE DES ÉTUDIANTS DE L'ENSEIGNEMENT BASIQUE

Résumé: L'article suivant présente les résultats d'une étude dont le principal objectif a consisté à analyser la relation entre la fréquentation d'activités de complément curriculaire – club de musique – et la performance scolaire de 329 étudiants de six écoles du nord littoral du Portugal du 2^{ème} cycle de l'enseignement basique portugais au cours de l'année scolaire de 2009/2010. Les résultats obtenus confirment l'existence d'une relation positive entre la fréquentation de ces activités et les résultats scolaires des étudiants du 2^{ème} cycle de l'enseignement basique, une relation qui s'établit non seulement avec la discipline directement liée au club (la musique) mais aussi avec les disciplines nucléaires, comme la Langue Portugaise et les Mathématiques. L'enseignement informel de la musique dans les écoles publiques nationales apparaît comme un espace de première importance dans l'éducation contemporaine, dans la mesure où, semble-t-il, il contribue à la formation intégrale de la personne.

Mots-clés: activités de complément curriculaire (club de musique), activité musicale, performance scolaire

Introdução

A investigação no campo das atividades de complemento curricular (ACC), atividades extra-curriculares que se desenvolvem no espaço escolar, sempre se pautou pelo interesse sobre a relação entre a frequência destas atividades e a sua influência no desempenho académico. No momento de profundas e conturbadas alterações curriculares, e em que cada vez menos os/as docentes parecem motivados para a dinamização das ACC, urge investigar a contemporaneidade destas atividades na atualidade educativa nacional pela percepção sobre o seu contributo no desempenho académico dos/as discentes, na sua formação integral e na relação que estabelecem com o espaço e dinâmica escolares.

As ACC que têm lugar na escola incluem, na maior parte dos casos, clubes e projetos das áreas artísticas, mas também das áreas académicas ou desportivas, entre outras. Através destas atividades os/as estudantes têm a oportunidade de vivenciar experiências diferentes das ativi-

dades curriculares, num ambiente lúdico e motivante, onde se estabelecem fortes ligações interpessoais que conduzem ao desenvolvimento de competências cujas consequências serão «forçosamente positivas nos planos da identidade e desenvolvimento pessoal, vocacional e social» (Figueiredo & Silva, 1999: 40).

No 2º ciclo do ensino básico (CEB), a música é simultaneamente uma disciplina do currículo (Educação Musical) e uma ACC, sendo o professor de música responsável por estas atividades que se desenvolvem sob a forma de clubes apresentando formações variadas como, por exemplo: coros, orquestras Orff, grupos de bombos, grupos de guitarras e combos. Estes clubes funcionam em regime de voluntariado, em horário pós-letivo e juntam estudantes de várias idades, com um propósito comum: fazer música. As ACC surgem integradas no movimento da Escola Cultural e associadas à Reforma Educativa de 1986, e são nesse contexto designadas de atividades extracurriculares, enquadradas pela Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) – Lei nº 46/86, de 14 de outubro. O art.º 48º afirma que as atividades curriculares «devem ser complementadas por acções orientadas para a formação integral e realização pessoal dos educandos no sentido da utilização criativa e formativa dos seus tempos livres» (ponto 1) e que «estas actividades de complemento curricular visam o enriquecimento cultural e cívico, a educação física e desportiva, a educação artística e a inserção dos educandos na comunidade» (ponto 2).

O Despacho nº 141/ME/90, especifica a natureza «eminente lúdica, cultural e formativa» das ACC (art.º 2º, alínea 1), podendo estas revestir «carácter desportivo, artístico, tecnológico, pluridimensional, de solidariedade e voluntariado, de ligação da escola com o meio, de desenvolvimento da dimensão europeia na educação» (art.º 2º, alínea 2).

Posteriormente, os Decretos-Lei nº 6/2001 (art.º 9º) e nº 18/2011 (art.º 9º) referem-se a estas atividades como atividades de enriquecimento do currículo mantendo as características mencionadas nos articulados anteriores. Neste estudo optámos por manter a nomenclatura «atividades de complemento curricular» (ACC) tal como referido na LBSE.

1. Benefícios do envolvimento em atividades extracurriculares

Vários estudos têm demonstrado que a envolvimento em atividades extracurriculares tem uma influência positiva nos/as discentes. Em 1987, Holland e Andre realizaram uma revisão a 86 estudos publicados desde a década de 1960 até 1987 e onde se pretendeu avaliar o papel das atividades extracurriculares na formação da/o estudante. Os estudos foram examinados tendo em consideração: os efeitos de curto prazo; os efeitos de longa duração; a dimensão da escola; e as atividades desportivas. Foram analisadas as variáveis autoconceito, desenvolvimento moral, desempenho académico, raça, objetivos educativos e ocupacionais, valores dos adolescentes,

delinquência e estatuto, entre outras. Os trabalhos analisados eram, maioritariamente, longitudinais (análise durante a frequência na escola secundária), baseando-se nos registos escolares e nos livros de curso para a análise de dados. As investigações analisadas são consistentes com a visão de que a participação nestas atividades aumenta globalmente as experiências educacionais dos/as estudantes, providenciando oportunidades para trabalho cooperativo e informal em grupos dentro do espaço escolar, promovendo benefícios sociais e de relação interpessoal de longo prazo. Funcionam como uma oportunidade para os/as estudantes estabelecerem amizades, identificarem-se com um grupo social de uma forma mais madura e independente do que é possível nas aulas. Os estudos analisados apontam para uma relação positiva entre a participação em atividades extracurriculares e o desempenho académico dos/as seus/suas participantes.

Eccles e Barber (1999) desenvolveram um estudo longitudinal (desde 1983 até 1997) com 1.259 adolescentes, os/as quais preencheram um inquérito sobre o envolvimento em atividades extracurriculares, e a cujos resultados escolares as autoras tiveram acesso nas sete recolhas do estudo, levadas a efeito desde o 6º ano até ao 12º ano. Foram analisados quer os benefícios quer os riscos associados à participação em cinco tipos de atividades: pró-social (igreja e voluntariado), desportos de equipa, envolvimento na escola, artes performativas e clubes escolares. Verificaram que o envolvimento em todos os cinco tipos de atividades estava relacionado com melhor desempenho académico, bem como com a probabilidade de frequentar a faculdade a tempo inteiro pelos 21 anos. Um dos aspetos verificados relativamente ao género foi que enquanto os rapazes se envolviam mais em atividades desportivas, as raparigas apresentavam maior envolvimento em atividades pró-sociais, artes de performance e em atividades relacionadas com a escola. Relativamente aos riscos associados com o envolvimento em atividades extracurriculares, verificaram que os rapazes envolvidos em artes de performance apresentavam menor risco de absentismo (no 10º ano de escolaridade) e que a participação em atividades pró-sociais foi associada a menor risco de abandono escolar. O envolvimento em clubes e atividades não desportivas foi positivamente relacionado com o gostar da escola. As evidências revelaram que a participação em atividades extracurriculares durante os anos do ensino médio fornecia um contexto de proteção em termos de desempenho académico e envolvimento em comportamentos de risco.

Posteriormente, Marsh e Kleitman (2002) concluíram que as atividades que ocorrem dentro da escola eram mais benéficas do que as exteriores à escola, não só no desempenho académico dos/as estudantes, mas ainda na promoção da identificação/compromisso com a escola, especialmente em discentes de estatuto socioeconómico mais desfavorecido.

Mais recentemente, Fredricks e Eccles (2005) encontraram uma associação positiva entre a frequência de atividades extracurriculares e o rendimento académico, assim como com um maior envolvimento na escola.

Muito embora grande parte dos estudos realizados até ao momento dêem conta do impacto positivo das atividades extracurriculares, surgiram preocupações relativamente às implicações que a frequência destas atividades poderiam ter quando em excesso, tal como levantado por Coleman (1961). Num estudo recente, Fredricks (2012) verificou que o número e a intensidade (tempo despendido) das atividades extracurriculares frequentadas se relacionavam com o rendimento e as expectativas académicas de estudantes do 10º e 12º anos de escolaridade, tendo também constatado que a frequência de um elevado número de atividades com uma elevada intensidade diminuía o ajustamento académico dos/as jovens.

Em Portugal, na última década, tem-se assistido ao surgimento de estudos que relacionam o envolvimento em atividades extracurriculares com o rendimento académico, motivação, autoestima, entre outros (Peixoto, 2003; Simão, 2005). Peixoto (2003) analisou o efeito da participação em atividades extracurriculares em vários indicadores académicos, a saber: autoconceito, atitude relativa à escola e desempenho académico em 955 estudantes que frequentavam o 7º, 9º e 11º ano de escolaridade. No total, 262 participam em atividades extracurriculares e 693 não participam. Os resultados demonstraram que há uma associação positiva relativamente ao desempenho académico, tendo obtido melhores resultados os/as participantes em atividades extracurriculares, mas que não existe uma relação positiva entre a frequência destas atividades e atitudes positivas perante a escola que, por sua vez, são afetadas pelo género e pelo ano de escolaridade. Neste ponto, o estudo de Peixoto (2003) é contrário ao de Eccles e Barber (1999), onde foi encontrada uma relação positiva entre a frequência de atividades extracurriculares e o «gostar da escola». No estudo de Peixoto (2003), as raparigas demonstraram uma atitude mais positiva em relação à escola, tanto na atitude global como nas duas dimensões que a constituem (atitude perante os trabalhos escolares e atitudes relativamente às regras). Estudantes do 9º ano de escolaridade, comparativamente aos/às seus/suas colegas dos outros dois anos de escolaridade, revelaram uma atitude mais negativa, quer na medida global de atitude em relação à escola quer na atitude em relação às regras de conduta. Simão (2005) desenvolveu um estudo com o objetivo de verificar a relação entre a frequência de atividades extracurriculares (de carácter desportivo) e o desempenho académico, entre outros. A amostra envolveu 260 estudantes, com 12 e 17 anos de idade, que frequentam respetivamente o 7º e o 10º ano, dividido em dois grupos: participantes em atividades e não participantes. Uma das conclusões a que chegou foi que a participação em atividades extracurriculares trazia benefícios em relação ao desempenho académico. Nos efeitos de interação com o ano de escolaridade e participação em atividades extracurriculares, não se verificou relação relativamente ao desempenho académico. Também foi considerado o grupo que participa em atividades extracurriculares dividido em dois: dentro e fora da escola, tendo-se concluído que no desempenho académico não há diferença entre os grupos.

Nos últimos anos surgiram ainda estudos voltados para a análise do programa das atividades de enriquecimento curricular no 1º CEB preconizadas no Despacho nº 12591/2006, de 16 de junho. Apesar das preocupações com as repercussões que estas atividades podem ter no rendimento acadêmico, concentração e postura dos/as discentes face à escola, a maioria dos estudos realizados no 1º CEB centram-se ainda no sucesso da implementação do programa, nas suas repercussões na dinâmica da escola e na auscultação dos vários atores educativos face ao mesmo.

2. Estudos relacionados com as atividades musicais formais e não formais

As atividades musicais formais e não formais têm sido alvo de estudos de vária ordem. Por exemplo, Adderley, Kennedy e Berz (2003) realizaram um estudo com participantes em *ensembles* – banda, coro e orquestra –, com o objetivo de observar o mundo da sala de aula de uma escola de música em quatro focos: i) motivação para pertencer e permanecer no grupo; ii) como é que o grupo e seus membros são percebidos pela escola e pela comunidade; iii) o significado e o valor que os grupos de música têm para os/as seus/suas participantes; e iv) o clima social da música. Este estudo envolveu 2.000 estudantes da escola, dos/as quais 300 pertenciam a um *ensemble*. Na orquestra e no coro as raparigas eram em maior número, e os/as participantes na banda eram equivalentes para ambos os sexos. Foram selecionados/as 60 estudantes, 20 de cada *ensemble*, para responder a entrevistas estruturadas. Relativamente à primeira questão (motivação para pertencer e permanecer no grupo), os autores aferiram que uma das razões para participar foi a influência da família. A segunda razão apresentada foi gostar de música, associada ao facto de ter sido exposto à prática de música enquanto criança. Outra razão apontada foi gostar de tocar e o apelo dos timbres instrumentais. Finalmente, emergiu o facto de pretenderem seguir uma carreira musical e terem, assim, uma oportunidade para desenvolver as habilidades musicais. Relativamente ao terceiro ponto (o significado e o valor que os grupos de música têm para os/as seus participantes), foi referido que fornece equilíbrio ao currículo escolar. Quanto ao ponto quatro (clima social da música), foi apontado que tal envolvimento traz benefícios sociais, sentido de pertença e a oportunidade de «fazer amigos».

Kokotsaki e Hallam (2007) estudaram o envolvimento de 78 estudantes universitários/as de música com a prática musical, tendo-lhes sido pedido que relatassem o impacto que essa participação teve nas suas vidas. Os resultados apontaram para três áreas: a prática musical como *ato musical* que lhes permitiu aprofundar o conhecimento musical; a prática musical como *ato social*, tendo os sujeitos referido que se sentiam parte integrante de um grupo e que ganharam novas amizades e popularidade, permitindo-lhes aumentar as suas habilidades

sociais e a sua autoestima; e a prática musical como fator de *desenvolvimento de habilidades pessoais*, facilitando a identidade pessoal, encorajando o desenvolvimento de autorrealização, da autoconfiança e da motivação intrínseca.

Pacheco e Milhano (2007) relacionaram a mobilização dos/as jovens num coro com atitudes positivas em relação à música e à participação em música coral na escola num estudo com jovens entre os 10 e os 16 anos. De acordo com os resultados, os sujeitos sentem-se felizes, úteis e importantes uma vez que recebem o apreço dos seus familiares, dos/as colegas de escola e da comunidade em geral. Além disso, revelaram noções de responsabilidade, persistência e perseverança. Os benefícios pessoais e interpessoais mostraram-se relevantes, uma vez que os/as jovens referiram que tiveram oportunidade de se relacionar com outros/as jovens e de aumentar as suas experiências musicais e culturais, além de se terem aberto perspectivas profissionais.

2.1. As atividades musicais formais e não formais e o desempenho académico

Nos últimos anos têm surgido vários estudos que associam o desempenho académico geral com a frequência de atividades musicais (Babo, 2004; Dumais, 2006; Fitzpatrick, 2006; Gouzouasis, Guhn, & Kishor, 2007; Huber, 2009; Kinney, 2008; Santos-Luiz, Coimbra, & Silva, 2009; Schellenberg, 2006; Southgate & Roscigno, 2009). Outros estudos relacionam a aprendizagem musical com o desempenho ao nível de algumas disciplinas específicas como a Matemática (Kinney, 2008; Miksza, 2007), os Estudos Sociais, a História e as Ciências (Miksza, 2007), a Ciência e a Cidadania (Kinney, 2008) ou, ainda mais particularmente, com aquisições a nível da leitura (Huber, 2009; Miksza, 2007) ou da aprendizagem da língua (Johnson & Memmott, 2006).

Babo (2004) desenvolveu um trabalho com 178 estudantes do 8º ano para identificar a relação entre a participação em música instrumental e o desempenho académico controlando as variáveis género, estatuto socioeconómico e quociente de inteligência (QI). Foi encontrada uma relação positiva entre a frequência das aulas de instrumento e o desempenho em *language arts* com controlo das variáveis referidas. O QI foi um fator determinante para todos os testes realizados. Também se verificou que a frequência de aulas de música foi benéfica para o desempenho em matemática e *language arts*, controlando as variáveis género e estatuto socioeconómico. Esta última variável mostrou ter um impacto significativo em todos os testes realizados, enquanto o género (masculino) teve influência nos testes de matemática. Os resultados apontam para uma associação positiva entre a participação em música instrumental e o desempenho académico com uma relação mais forte com a leitura e *language arts*.

Num outro trabalho, longitudinal, com 5.696 estudantes do ensino elementar, Dumais (2006) quis saber o efeito da participação em atividades extracurriculares musicais sobre o desempe-

nho e a avaliação realizada pelos/as professores/as. Os/as estudantes de baixo estatuto socioeconómico que tiveram aulas de música obtiveram melhores notas nos testes de leitura do que os seus colegas de alto estatuto socioeconómico que não tiveram aulas de música. No entanto, os/as estudantes de baixo estatuto socioeconómico participam mais em atividades de dança, arte, artes performativas, ou em clubes ou desporto, do que em aulas de música.

Fitzpatrick (2006) investigou o efeito da participação em música instrumental, controlando o estatuto socioeconómico, relacionando com o desempenho no teste de proficiência nas disciplinas de Cidadania, Matemática, Ciência e Leitura relativa aos 4^o, 6^o e 9^o anos. Os/as 15.431 participantes foram divididos/as em dois grupos: o grupo instrumental com 915 estudantes que participavam em bandas/orquestras/grupo de jazz e o grupo de controlo com 14.516 elementos que não estavam envolvidos em qualquer tipo de atividade musical. Os resultados apontaram para um melhor desempenho do grupo instrumental em todas as disciplinas e em todos os anos. Também se verificou que os/as estudantes de nível socioeconómico mais elevado obtiveram melhor desempenho em todas as disciplinas ao longo dos anos, enquanto os/as de estatuto socioeconómico baixo sem música obtiveram resultados mais baixos.

Em 2006, Johnson e Memmott realizaram uma investigação com 4.739 estudantes em que os/as discentes de música do nível elementar obtiveram melhor pontuação quer a Inglês quer a Matemática em testes de aferição do que os/as que não estudam música. Os resultados apontaram também para o facto de os/as estudantes do ensino médio que frequentavam ou o programa excepcional de música ou o programa básico instrumental obterem melhores notas do que os que não frequentavam qualquer programa.

Também Schellenberg, em 2006, apresentou dois estudos correlacionais em que associa o envolvimento em formação musical de longo termo com a inteligência. O primeiro estudo envolveu 147 crianças entre os 6 e 11 anos de idade e os resultados apontaram que o número de anos de aulas (6) de música tinha uma associação positiva com os resultados obtidos nos testes *Wechsler Intelligence Scale for Children – Third Edition*. Os resultados permaneceram fiáveis quando o rendimento familiar, a escolaridade dos pais e o envolvimento em atividades não-musicais foram mantidos constantes. Por outro lado, o envolvimento em atividades extracurriculares musicais estava relacionado com o desempenho académico, mas o envolvimento em atividades extracurriculares não-musicais fora da escola não foi associado nem com um aumento de inteligência nem com um melhor desempenho académico. O segundo estudo, que envolveu a participação de 150 estudantes universitários/as com vários anos de prática musical, pretendeu verificar se os anos de vivência musical durante a infância poderão trazer benefícios intelectuais na idade adulta. Foi-lhes aplicada a *Wechsler Adult Intelligence Scale – Third Edition* e foram utilizadas as médias da escola secundária para medir o desempenho académico. Os resultados apontaram para associações similares, mas menos fortes, entre a apren-

dizagem musical na infância e o desempenho intelectual. Os resultados dos dois estudos sugerem que os efeitos reais da aprendizagem musical na infância estão associados de forma positiva com a inteligência, sendo que a associação é maior com períodos de formação de maior persistência temporal.

Relativamente à associação entre a prática de música e o desempenho acadêmico, Gouzouasis et al. (2007) realizaram um estudo com 184.565 estudantes e concluíram que a participação em música estava associada, de forma geral, a um elevado desempenho acadêmico. As notas do 11º ano permitiram prever o desempenho no 12º ano e ainda que o tempo dedicado ao estudo musical não inibia, antes acompanhava ou ultrapassava, o desempenho em disciplinas «estruturantes».

Miksza (2007) desenvolveu um trabalho longitudinal com 5.335 estudantes, tendo concluído que as notas dos testes a Matemática, Leitura, Ciências e Estudos Sociais eram significativamente melhores para os/as estudantes participantes em música das escolas médias e secundárias; mesmo controlando a variável estatuto socioeconómico, os/as discentes de música mantiveram vantagem em tudo, com ligeira redução na Leitura, no decorrer do tempo.

O estudo de Kinney (2008) envolveu dois grupos de estudantes: 273 do 6º ano e 215 do 8º ano, com controlo das variáveis estatuto socioeconómico e ambiente familiar ou envolvimento parental. Os/as discentes distribuíram-se por participantes em banda, em coro e em grupo sem atividade musical. As conclusões indicaram que os/as estudantes do 6º ano participantes na banda obtiveram significativamente melhores notas nos testes de proficiência a Leitura, Matemática, Ciência e Cidadania relativamente aos/às seus/suas colegas coralistas ou não participantes em música. Os/as estudantes envolvidos na banda também obtiveram melhores resultados que os/as não participantes, em todos os subtestes, exceto a Estudos Sociais. Os/as estudantes de estatuto socioeconómico mais favorecido obtiveram melhores resultados quer no 6º quer no 8º anos de escolaridade em todos os subtestes, exceto nos de Leitura.

Wetter, Koerner e Schwaninger (2008) analisaram o efeito do envolvimento em música em 134 crianças do 3º ao 6º ano no desempenho académico geral e por disciplinas (Alemão, Francês, Matemática, História/Natural, História/ Geografia, Artes – Madeira, Têxtil, Pintura, Desenho, Música e Desporto). Foram divididas em três grupos: (i) as que praticam música em casa e/ou na escola (63 crianças); (ii) as que não praticam música nem recebem aulas de artes (67 crianças); (iii) as que recebem aulas de arte mas não de música (14 crianças). Foi realizado o controlo das variáveis: género, ano escolar, rendimento familiar, música e arte. Os resultados mostraram que as crianças que receberam aulas de música (grupo 1) obtiveram melhor desempenho académico do que os/as seus/suas colegas (grupo 2 e 3) e também nos resultados por disciplina, exceto em desporto. As variáveis prática musical, ano e rendimento familiar tiveram mais influência na média geral, mas a música mostrou ser mais significativa quando as variáveis ano

e rendimento familiar se mantinham constantes. Verificaram ainda que a prática musical continuada está relacionada com um melhor desempenho escolar ao longo do tempo.

O estudo de Santos-Luiz et al. (2009) pretendeu contribuir para a compreensão da ligação entre a aprendizagem da música, a inteligência e o sucesso académico. A amostra, com 134 estudantes portugueses do 7º ano do ensino básico, era constituída por dois subgrupos: um que frequentava o curso especializado de música e outro que não frequentava aulas de música. A análise foi baseada na Bateria de Provas de Raciocínio (BPR/7-9) aferida para a população portuguesa e nas classificações académicas dos dois grupos de discentes. Os/as estudantes que frequentaram a educação formal de música mostraram um aumento na sua capacidade geral de raciocínio (fator g) e também em tarefas de raciocínio espacial e numérico, além de melhorias no desempenho académico comparativamente com os/as estudantes do grupo de controlo. Os resultados sugerem ainda que a duração da exposição a aulas de música está associada a uma maior inteligência e a um aumento do desempenho académico.

O estudo de Huber (2009), que envolveu 267 estudantes do ensino médio, sugere também a existência de uma relação positiva entre a participação em música e o desenvolvimento da leitura. A relação acentua-se durante o 7º ano e geralmente permanece durante o 8º ano se os/as estudantes continuaram a participar em atividades musicais. Isto foi particularmente evidente nos indivíduos que tiveram prática instrumental formal em sopro e metais, sobretudo, e à semelhança dos resultados de Kinney (2008), enquanto participavam ativamente na banda.

Santos-Luiz, Coimbra e Andrade (2011) realizaram um estudo com 110 estudantes do 8º ano para identificar os efeitos da formação em música no desempenho académico. O grupo com formação musical – composto de 60 estudantes – e o grupo de controlo – com 50 participantes – viram analisados o seu desempenho em Ciências Naturais, Física e Química, Português, História e Geografia, controlando-se as variáveis estatuto socioeconómico e inteligência. Os resultados indicam que, mesmo controlando o estatuto socioeconómico, a formação musical contribui significativamente para o desempenho académico. No entanto, combinando outros fatores (formação musical, estatuto socioeconómico e inteligência), a aprendizagem musical perdeu significância. Contrariamente a outros estudos, verificou-se que o estatuto socioeconómico não teve impacto significativo no desempenho académico. Os resultados demonstram, no entanto, que há uma relação positiva entre a formação musical e o desempenho académico.

Existem também contributos que apontam para o desenvolvimento de aptidões específicas de música, nomeadamente em termos de discriminação auditiva (Forgeard, Winner, Norton, & Schlaug, 2008) e motricidade fina (Costa-Giomi, 2004).

Costa-Giomi (2004) observou o efeito de três anos de prática pianística nos resultados e desempenho académico bem como na autoestima das crianças. A amostra consistiu em 117 estu-

dantes do 4º ano de escolas públicas, que nunca tinham tido aulas de música, não tinham piano em casa e cujo rendimento familiar se situava abaixo dos 40.000 dólares. Dividiu-se a amostra em grupo de controlo (n = 54), cujos sujeitos não tinham recebido formação em música, e grupo experimental (n = 63), cujos sujeitos tinham frequentado aulas de música durante três anos, uma vez por semana. Foram administrados testes de autoestima, desempenho académico, habilidades cognitivas, habilidades musicais e habilidades motoras, quer no início do estudo quer durante o período de duração da experiência. A análise dos resultados indicou que a prática de teclado tem um efeito positivo quer na autoestima quer nos resultados em música na escola. No entanto, a prática de teclado não teve influência no desempenho em matemática e em *language arts*, tal como aferido pelos testes padrão da escola e pelos resultados escolares.

3. O estudo nas suas opções metodológicas

O estudo que aqui apresentamos desenvolveu-se no ano letivo 2009/2010 em seis escolas básicas do 2º e 3º CEB do litoral norte de Portugal, com características socioeconómicas e culturais semelhantes. Com ele pretendeu-se estudar a relação entre a frequência de ACC – clube de música – e o desempenho académico dos/as discentes. Tendo em conta o objetivo formulado, foram enunciadas as seguintes hipóteses de estudo: hipótese 1, *A frequência de ACC – clube de música – relaciona-se positivamente com o desempenho académico dos/as estudantes do 2º CEB*; hipótese 1.1, *A frequência de ACC – clube de música – tem uma relação positiva com os resultados escolares a nível da Língua Portuguesa nos/as estudantes do 2º CEB*; hipótese 1.2, *A frequência de ACC – clube de música – tem uma relação positiva com os resultados escolares a nível da Matemática nos/as estudantes do 2º CEB*; hipótese 1.3, *A frequência de ACC – clube de música – tem uma relação positiva com os resultados escolares a nível da Educação Musical nos/as estudantes do 2º CEB*.

Na seleção das escolas envolvidas no estudo, obedeceu-se ao critério de existência de clube de música na escola e uma amostra significativa de discentes, bem como da colaboração dos agentes educativos e diretivos das respetivas instituições. Depois de contactadas as escolas de diferentes zonas do país, optámos por incluir aquelas que se mostrando disponíveis estavam também geograficamente mais próximas. Definiram-se assim seis escolas participantes no estudo (Escolas Alfa, Beta, Omega, Gamma, Lambda e Delta). Foram considerados para o grupo experimental os/as estudantes que frequentaram o clube de música pelo menos durante dois períodos no ano letivo 2009/2010 e para o grupo de controlo os/as restantes discentes das turmas de estudantes frequentadores/as de clube de música. Este período de tempo teve em conta a duração de exposição ao trabalho musical, dado que alguns estudos já realizados contemplam

o envolvimento de discentes no ensino da música durante um período de cinco (Cardarelli, 2003) ou de quatro meses (Gromko, 2005).

Recorreu-se aos registos de avaliação dos/as estudantes relativos ao primeiro e terceiro período, bem como a um inquérito por questionário desenhado para o efeito. Este pretendia caracterizar a população amostral, assim como recolher dados relativos às variáveis género, escola, ano de escolaridade e apoio parental. Como pré-teste, no ano letivo 2008/2009, realizou-se um estudo piloto do questionário que contou com a colaboração de todos os elementos da orquestra Beta (50 elementos). Este pré-teste permitiu reformular algumas questões bem como alterar a ordem de outras.

Socorremo-nos de metodologias predominantemente quantitativas, com recursos ao *Statistical Package for Social Sciences* – SPSS 17 – para tratamento e análise dos dados recolhidos. Recorreu-se primeiramente à estatística descritiva e num segundo momento ao teste não-paramétrico de *Kruskal-Wallis*. O critério para aceitar ou rejeitar cada hipótese foi testado estatisticamente e determinada a sua significância considerando um intervalo de confiança de 95%. Sempre que sejam detetadas diferenças entre o número total de participantes e o número de respostas, tal justifica-se pela presença de *missing values*.

Foi observado o princípio do anonimato e os envolvidos foram previamente informados sobre o estudo, o que se pretendia e o fim a que se destinava, sendo a sua participação voluntária.

4. Caraterização da amostra

Os clubes de música em funcionamento nas seis escolas envolvidas neste estudo decorreram maioritariamente em horário pós-letivo, em blocos de 45 minutos. Estes clubes eram frequentados por 73 (5º Ano – 23 estudantes; 6º Ano – 50 estudantes) dos 329 estudantes (5º Ano – 155 estudantes; 6º Ano – 174 estudantes) do 2º CEB.

Na amostra deste estudo, a escola Alfa foi a mais representada, com 150 estudantes (clube de música – 28; sem clube de música – 122), seguindo-se a escola Delta com 86 estudantes (clube de música – 19; sem clube de música – 67), a escola Omega com 39 estudantes (clube de música – 13; sem clube de música – 26), a escola Beta com 21 estudantes (clube de música – 2; sem clube de música – 19), a escola Gama com 18 estudantes (clube de música – 4; sem clube de música – 14) e a escola Sigma com 15 estudantes (clube de música – 7; sem clube de música – 8).

A amostra revelou equilíbrio no que se refere à distribuição de elementos do género feminino e masculino (feminino – 168; masculino – 161), sendo os elementos do género feminino (42) em número superior aos do género masculino (31) no grupo experimental, acontecendo o

inverso no grupo de controlo. À semelhança desta realidade, a estatística nacional dá a conhecer um universo maioritariamente feminino no ensino secundário, de carácter não obrigatório.

Relativamente à idade, os/as estudantes que frequentavam o clube de música tinham, em média, uma idade ligeiramente superior (11,85) à dos/as estudantes que não frequentavam (10,73). Quando olhamos as médias das idades considerando o parâmetro género e a frequência de clube de música, verificamos que os elementos do género feminino do grupo experimental eram os que, em média, tinham uma idade inferior (10,64), seguindo-se os elementos do mesmo género que pertenciam ao grupo de controlo (10,67). Verificou-se ainda que os elementos do género masculino que frequentavam o clube de música apresentavam em média idade superior (11,13) aos demais, mesmo em relação aos elementos do grupo de controlo do género masculino (10,79).

5. Análise e discussão dos dados

Neste ponto do artigo serão analisados e discutidos os dados recolhidos por questionário assim como os provenientes dos registos de avaliação dos/as discentes. Inicialmente far-se-á uma incursão em três dimensões de análise: *visão da escola* (*gosto pela escola; razões do gosto pela escola*), *apoio parental* e *motivações para a frequência de clube de música*. Esta abordagem pretende enquadrar a análise que se segue – *a frequência de clube de música e o desempenho académico dos/as estudantes* –, onde será apresentado o teste à hipótese geral do estudo.

5.1. Visão da escola

Quando questionados sobre o *gosto pela escola*, a maioria dos/as discentes (302), 93,79%, referiu gostar da escola que frequentava, demonstrando desta forma que era um espaço onde se sentia bem. Constatamos no grupo experimental que apenas um estudante (1,39%) afirmou não gostar da escola, existindo uma percentagem superior de estudantes do grupo de controlo (19 estudantes – 7,60%) que manifestou este sentimento relativamente à escola. Estes dados parecem sugerir que há uma tendência para que os/as discentes que frequentam estas atividades tenham uma visão mais positiva da escola.

Relativamente às *razões do gosto pela escola*, numa resposta aberta, foram referidas razões de cariz pedagógico por 126 estudantes (38,30%), com referência ao interesse pelas disciplinas, à forma de ensinar dos/as docentes, à necessidade de aprender/estudar e tirar boas notas, mas também à diversidade de atividades disponibilizadas. Foi ainda mencionado por alguns/mas

discentes a importância que o estudar e a escola terão no seu futuro. Foram ainda referidas as relações interpessoais, tanto com colegas como com professores/as e funcionários/as (117 estudantes – 35,56%), bem como a dinâmica escolar (80 estudantes – 24,32%) e o espaço físico da escola (60 estudantes – 18,24%). Os/as discentes que têm uma opinião negativa da escola referem, tal como os/as anteriores, critérios pedagógicos assim como o espaço físico da escola, tendo sido ainda apresentadas razões pessoais como a obrigatoriedade de cumprimento de um horário.

Quando cruzamos os dados gerais com a variável «frequência de clube de música», verificamos que os/as estudantes do grupo experimental referiram, primeiramente, razões de índole pedagógica (39 estudantes – 53,42%), seguidas da caracterização da dinâmica escolar (23 estudantes) e das relações interpessoais (21 estudantes – 28,77%). Quanto aos/as estudantes do grupo de controlo, mencionaram gostar da escola devido às relações interpessoais (96 estudantes – 37,50%), seguidas dos aspetos pedagógicos (87 estudantes – 33,98%) e da caracterização da dinâmica escolar (57 estudantes – 22,27%). Esta análise leva-nos a concluir que as diferenças nos resultados intergrupos não são muito acentuadas, mas que os/as estudantes que frequentam clube de música demonstram ter pela escola uma visão mais positiva do que os/as restantes. Esta constatação encontra paralelo no estudo de Marsh e Kleitmann (2002) que sugere que os/as estudantes que participam em atividades extracurriculares apresentam um maior compromisso com a escola e com os seus valores. Também os resultados obtidos por Eccles e Barber (1999) confirmam que os/as estudantes que frequentam atividades extracurriculares apresentam um maior envolvimento nos estudos.

5.2. Apoio parental

Os/as discentes foram ainda inquiridos sobre o tipo de apoio que lhes é prestado pelos pais/encarregados de educação. Esta questão foi dirigida a todos os/as frequentadores/as de atividades extracurriculares (quer decorram fora ou dentro da escola).

No caso do acompanhamento familiar, a maioria das pessoas investigadas afirmam ter o apoio dos/as encarregados/as de educação nestas atividades, sendo referido por 63,01% (138 estudantes) que estes/as os/as apoiam sempre, por 33,79% (74 estudantes) quando podem e apenas 3,20% (7 estudantes) mencionam que os pais nunca os/as apoiam nas atividades em que participam. Quando analisamos estes dados, mas considerando a variável clube de música, constatamos que os/as discentes que frequentam esta atividade parecem ter um apoio parental ligeiramente superior aos/as que participam noutras atividades, na medida em que a percentagem dos que afirmam que os pais nunca os/as apoiam é inferior (2,94% – 2 estudantes) à dos/as restantes discentes (3,13% – 4 estudantes) e a percentagem de discentes que refere ter sempre o

apoio dos pais é superior (67,65% – 49 estudantes) à de discentes que frequentam atividades extracurriculares, que não o clube de música (60,63% – 88 estudantes).

Conclui-se assim que os/as discentes participantes em atividades extracurriculares e, especificamente, no clube de música, têm habitualmente o apoio dos pais, o que, no nosso entender, poderá permitir um reforço da permanência nestas atividades e um maior compromisso com a escola.

5.3. Motivações para a frequência de clube de música

O grupo experimental foi ainda questionado sobre aspetos específicos relativos ao clube de música. Quando inquirido, numa pergunta de resposta aberta, sobre as motivações para se inscrever no clube, foram apontadas maioritariamente duas razões: querer *aprender a tocar e cantar* (26 estudantes – 36,62%) e *o gosto pela música* (24 estudantes – 32,88%). São ainda apresentadas como motivações *o querer saber mais* (9 estudantes – 12,33%) e *o gosto pelo convívio* (4 estudantes – 5,48%). Se considerarmos que a motivação *querer saber mais* se pode relacionar com *querer aprender a tocar e cantar*, podemos depreender que os principais motivos que levam à inscrição no clube de música são o de aprofundar a aprendizagem, seguido pelo gosto pela música e pelo convívio, tal como no estudo de Holland e André (1987).

Os resultados surgem em linha com Adderley et al. (2003), segundo os quais o interesse pela música como uma área disciplinar é tido como fator motivacional, ainda que a influência familiar seja a principal motivação apresentada para participar e permanecer em grupos: «Os estudantes eram encorajados ou pressionados por seus pais ou um irmão para participar num *ensemble* de música» (2003: 195). Este foi também um dos fatores referidos no nosso estudo, ainda que com menor relevância.

Quanto às atividades dinamizadas no clube em que os/as discentes participam, a prática vocal e instrumental constam na totalidade das respostas dos/as respondentes (71 estudantes), sendo referida por 42 estudantes (59,15%) concomitantemente com a prática de improvisação e leitura. Contudo, nenhum/a inquirido/a refere apenas a prática de improvisação ou leitura, sendo assim notória a preferência dos sujeitos pela prática vocal e instrumental.

A concordância entre as motivações dos/as discentes e as atividades que são desenvolvidas no seio dos clubes não deverá ser alheio à elevada taxa de permanência ao longo do ano letivo. Os resultados indicam, assim, que no 2º CEB o produto final mais valorizado será a prática vocal e instrumental.

Em concordância com o anteriormente exposto surgem as respostas à questão «quais as atividades do clube de que mais gostas?», que apontam as que envolvem prática instrumental

(27 estudantes – 38,03%) e vocal (6 estudantes – 8,45%), incluindo os ensaios (6 estudantes – 8,45%) e as apresentações (2 estudantes – 2,82%), ou seja, o processo e a apresentação do produto final. Três estudantes (4,22%) assinalaram a improvisação e a totalidade das possibilidades foi assinalada por 22 estudantes (30,99%).

No que concerne às apresentações, o objetivo final da atividade musical, que envolve o músico e o ouvinte, todos os sujeitos afirmam participar. Estas apresentações podem ser ainda responsáveis pelo reforço no envolvimento na escola, pois os/as discentes assumem o compromisso de representação do grupo, o que envolve um maior sentido de identificação, de pertença e de coesão, como referido por Kokotsaki e Hallam (2007). Estas atividades são também uma forma de promover a aproximação entre a escola e a família, bem como uma maior compreensão mútua. Os resultados estão ainda de acordo com Pacheco e Milhano (2007), que relata os coros, bandas ou orquestras de escola como espaços propensos ao desenvolvimento de competências sociais, a manifestações de apreço das famílias e colegas e ao fomento das amizades.

5.4. A frequência de clube de música e o desempenho académico dos/as estudantes

Testando a primeira hipótese do estudo – *A frequência de ACC – clube de música – relaciona-se positivamente com o desempenho académico dos/as estudantes do 2º CEB* –, verificou-se que no primeiro período (média 1) existia já uma diferença significativa entre o grupo experimental e o grupo de controlo nas avaliações ($H = 16.83$, $p = 0.000$). Esta diferença acentuou-se no terceiro período (média 2), o que nos é indicado pelo aumento do valor do teste no segundo momento ($H = 23.39$, $p = 0.000$). Estes resultados permitem-nos confirmar que a frequência de clube de música se relaciona positivamente com o desempenho académico de estudantes do 2º CEB, na medida em que a média do grupo experimental é superior à do grupo de controlo no primeiro momento avaliado e a diferença entre os dois grupos se acentua do primeiro para o segundo momento.

A análise do desempenho académico por disciplina – Língua Portuguesa, Matemática (duas das disciplinas avaliadas pelo teste de aferição a nível nacional no 6º ano) e Educação Musical – e a evolução das médias dos/as estudantes do primeiro para o terceiro período demonstram, mais uma vez, a relação positiva entre a frequência desta ACC (clube de música) e o desempenho académico. Constatou-se que já no primeiro período existia uma diferença significativa entre o grupo experimental e o grupo de controlo (Língua Portuguesa: $H = 8.33$, $p = 0.004$; Matemática: $H = 9.38$, $p = 0.002$; Educação Musical: $H = 51.80$, $p = 0.000$), apresentando o grupo experimental uma média superior ao de controlo. No segundo momento, esta diferença acentuou-se (Língua Portuguesa: $H = 17.31$, $p = 0.000$; Matemática: $H = 13.52$, $p = 0.000$; Educação Musi-

cal: $H = 58.23$, $p = 0.000$), confirmando-se também neste caso que a frequência de clube de música se relaciona positivamente com o desempenho acadêmico dos/as estudantes não apenas na disciplina diretamente relacionada com a atividade mas também nas disciplinas nucleares de Língua Portuguesa e Matemática.

Os/as discentes do grupo experimental apresentam um nível de motivação intrínseca elevado para pertencer ao clube, mencionando como motivação o desejo de aprendizagem. É possível que este desejo seja também alargado a outras áreas e que atuem sobre o seu desejo de conhecimento, nomeadamente frequentando clubes. Os resultados descritos surgem em consonância com estudos anteriores que relacionam a aprendizagem musical com uma melhoria do desempenho acadêmico (Babo, 2004; Dumais, 2006; Fitzpatrick, 2006; Gouzouasis et al., 2007; Johnson & Memmott, 2006; Kinney, 2008; Santos-Luiz et al., 2009).

Os resultados do estudo apontam, igualmente, para uma relação positiva entre a frequência do clube de música e melhores médias a Língua Portuguesa e Matemática, como referem os estudos de Babo (2004), Johnson e Memmott (2006), Kinney (2008), Mizska (2007), a Matemática (Santos-Luiz et al., 2009), no desenvolvimento de habilidades relacionadas com a aprendizagem da língua materna, leitura e habilidades verbais (Dumais, 2006; Huber, 2009) e em várias disciplinas como a Matemática, Leitura, Ciência e Estudos Sociais (Kinney, 2008; Mizska, 2007).

5.4.1. Variáveis controladas

De forma a despistar a possível influência significativa das variáveis género, escola, ano de escolaridade ou apoio parental sobre os resultados e análises anteriormente relatados procedemos ao seu controlo. Os resultados obtidos não sugerem a influência das variáveis testadas sobre as análises anteriormente levadas a cabo. Ainda assim, é importante referir que foram encontradas diferenças significativas na média 1 de estudantes que não frequentam o clube de música quando testada a variável ano de escolaridade ($H = 4.10$, $p = 0.043$) e ainda com o grupo de estudantes com clube de música na média 2 quando testada a variável escola ($H = 11.52$, $p = 0.042$). Não nos é sugerido, ainda assim, que as variáveis género, ano de escolaridade, apoio parental e escola possam influir diretamente nas análises descritas, tal como no estudo de Eccles e Barber (1999) sobre o desempenho académico e o género. Pudemos ainda constatar que o grupo de controlo, no que respeita a estas variáveis, apresenta maior heterogeneidade que o grupo experimental, com exceção da variável escola.

Perante os resultados descritos, é-nos possível confirmar que no caso da amostra participante do estudo o envolvimento em atividades musicais, neste caso não-formais, favorece o desempenho académico dos/as estudantes tal como já havia sido relatado nos estudos de Babo (2004), Costa-Giomi (2004), Fitzpatrick (2006), Schellenberg (2006) e Wetter et al. (2008).

Conclusões

Neste estudo foi nosso objetivo dar um novo enfoque sobre o ensino da música que decorre nas escolas nacionais em espaços exteriores à sala de aula e à obrigatoriedade do currículo, procurando compreender qual o contributo das ACC, nomeadamente dos clubes de música, para o sucesso escolar. Com este objectivo, delineámos como hipótese geral do estudo o estabelecimento de uma relação positiva entre a frequência do clube de música e o desempenho académico dos/as estudantes do 2º CEB. Foram controladas as variáveis género, ano de escolaridade, apoio parental e escola, procurando descartar a significância da influência destas variáveis sobre os resultados e conclusões obtidas. Era ainda nossa pretensão o controlo da variável estatuto socioeconómico; contudo, devido à morosidade do processo e à não disponibilização de informações por parte de algumas escolas, tal foi impossível de concretizar. No entanto, as escolas que participam no estudo estão caracterizadas como de estatuto socioeconómico médio-baixo nos seus projetos educativos.

O estudo que assentou num inquérito por questionário e na análise dos resultados escolares de estudantes do 2º CEB provenientes de seis escolas básicas públicas do norte litoral de Portugal aponta para a confirmação da relação positiva entre a frequência de ACC – clube de música – e o desempenho académico dos/as estudantes do 2º CEB. Estes/as estudantes – o grupo experimental – apresentaram à partida um desempenho académico significativamente superior aos demais – grupo de controlo –, tendo esta diferença de desempenho sido acentuada entre o 1º e 3º períodos, representados pelas médias 1 e 2, respetivamente. Tais constatações conduzem-nos à confirmação daquela que foi a nossa hipótese geral – *A frequência de ACC – clube de música – relaciona-se positivamente com o desempenho académico dos/as estudantes do 2º CEB*. Os dados levaram-nos ainda à confirmação das três hipóteses que derivaram da hipótese geral. Ou seja, ratificaram também a existência de uma relação positiva entre a frequência de clube de música e os resultados escolares ao nível não só da Educação Musical, mas também da Língua Portuguesa e da Matemática, ocorrendo igualmente aqui o que havia sido descrito para a hipótese geral relativamente às diferenças entre o grupo experimental e grupo de controlo para as médias 1 e 2. É ainda importante referir que constatámos, através do controlo das variáveis género, ano de escolaridade, escola e apoio parental, que o grupo experimental parece mais homogéneo em termos de desempenho académico que o grupo de controlo para cada uma destas variáveis com exceção da variável escola.

Em síntese, o estudo que realizámos permitiu concluir que as ACC, na área da música, são espaços de ação e produção de conhecimentos e competências, não apenas específicos do campo em que se encerram, mas que se estendem a outras áreas de aprendizagem. Permitiu,

ainda, concluir que as ACC, na área musical, constituem espaços formativos de grande relevância na contemporaneidade educativa, pelo contributo para a formação integral do indivíduo.

Correspondência: Escola das Artes – UCP, Rua Diogo Botelho 1327, 4169-005 Porto – Portugal / Unidade de Investigação em Música, Artes e Espetáculo, ESMAE – IPP, Rua da Alegria, nº 503, 4000-045 Porto – Portugal
E-mail: marcialopesmoura@gmail.com; marta.martins519@gmail.com; danielacoimbra@esmae-ipp.pt

Referências bibliográficas

- Adderley, Cecil, Kennedy, Mary, & Berz, William (2003). «A home away from home»: The world of the high school music classroom. *Journal of Research in Music Education*, 51(3), 190-205.
- Babo, Gerard (2004). The relationship between instrumental music participation and standardized assessment achievement of middle school students. *Research Studies in Music Education*, 22(1), 14-27.
- Cardarelli, Diane (2003). *The effects of music instrumental training on performance on the reading and mathematics portions third-grade students*. Tese de doutoramento, University of Central Florida, Orlando, EUA.
- Coleman, James Samuel (1961). *The adolescent society: The social life of the teenager and its impact on education*. Nova Iorque: Free Press.
- Costa-Giomi, Eugenia (2004). Effects of three years of piano instruction on children's academic achievement, school performance and self-esteem. *Psychology of Music*, 32(2), 139-152.
- Dumais, Susan (2006). Elementary school students' extracurricular activities: The effects of participation on achievement and teachers' evaluations. *Sociological Spectrum*, 26(2), 117-147.
- Eccles, Jacquelynne, & Barber, Bonnie (1999). Student Council, volunteering, basketball, or marching band: What kind of extracurricular involvement matters?. *Journal of Adolescent Research*, 14(1), 10-43.
- Figueiredo, Carla C., & Silva, Augusto S. (1999). A educação para a cidadania no ensino básico e secundário Português (1974-1999). *Inovação*, 12(1), 27-45.
- Fitzpatrick, Kate (2006). The effect of instrumental music participation and socioeconomic status on Ohio fourth-, sixth-, and ninth-grade proficiency test performance. *Journal of Research in Music Education*, 54(1), 73-84.
- Forgeard, Marie, Winner, Ellen, Norton, Andrea, & Schlaug, Gottfried (2008). Practicing a musical instrument in childhood is associated with enhanced verbal ability and nonverbal reasoning. *PLoS ONE*, 3(10). Retirado em novembro 18, 2011, de <http://www.plosone.org/article/info%3Adoi%2F10.1371%2Fjournal.pone.0003566>
- Fredricks, Jennifer A., & Eccles, Jacquelynne S. (2005). Developmental benefits of extracurricular involvement: Do peer characteristics mediate the link between activities and youth outcomes?. *Journal of Youth and Adolescence*, 34(6), 507-520.
- Fredricks, Jennifer A. (2012). Extracurricular participation and academic outcomes: Testing the over-scheduling hypothesis. *Journal of Youth and Adolescence*, 41(3), 295-306.
- Gouzouasis, Peter, Guhn, Martin, & Kishor, Nand (2007). The predictive relationship between achievement and

- participation in music and achievement in core grade 12 academic subjects. *Music Education Research*, 9(1), 81-92.
- Gromko, Joyce (2005). The effect of music instruction on phonemic awareness in beginning readers. *Journal of Research in Music Education*, 53(3), 199-209.
- Holland, Alyce, & Andre, Thomas (1987). The effects of participation in extracurricular activities in secondary school: What is known, what needs to be known?. *Review of Educational Research*, 57(4), 437-466.
- Huber, Juanita (2009). *Music instruction and the reading achievement of middle school students*. Tese de doutoramento, Liberty University, Lynchburg, EUA.
- Johnson, Christopher M., & Memmott, Jenny (2006). Examination of relationships between participation in school music programs of differing quality and standardized test results. *Journal of Research in Music Education*, 54(4), 293-307.
- Kinney, Daryl (2008). Selected demographic variables, school music participation, and achievement test scores of urban middle school students. *Journal of Research in Music Education*, 56(2), 145-161.
- Kokotsaki, Dimitra, & Hallam, Susan (2007). Higher Education music students' perceptions of the benefits of participative music making. *Music Education Research*, 9(1), 93-109.
- Marsh, Herbert, & Kleitman, Sabina (2002). Extracurricular school activities: The good, the bad, and the non-linear. *Harvard Educational Review*, 72(4), 464-515.
- Miksza, Peter (2007). Music participation and socioeconomic status as correlates of change: A longitudinal analysis of academic achievement. *Bulletin of the Council for Research in Music Education*, 172, 41-58.
- Pacheco, Luís, & Milhano, Sandrina (2007). Learning to be... singing: A choral music education programme. In Aaron Williamon & Daniela Coimbra (Eds.), *Proceedings of the International Symposium on Performance Science* (pp. 97-102). Utrecht: European Association of Conservatoires (AEC).
- Peixoto, Francisco J. B. (2003). *Auto-estima, autoconceito e dinâmicas relacionais em contexto escolar*. Tese de doutoramento, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Santos-Luiz, Carlos, Coimbra, Daniela, & Silva, Carlos (2009). Musical learning and cognitive performance. In Aaron Williamon, Sharman Preety, & Ralph Buck (Eds.), *Proceedings of the International Symposium on Performance Science* (pp. 349-354). Utrecht: European Association of Conservatories (AEC).
- Santos-Luiz, Carlos, Coimbra, Daniela, & Andrade, Cláudia (2011). The effects of music tuition on academic achievement in Portuguese 8th year students. In Aaron Williamon, Darryl Edwards, & Lee Bartel (Eds.), *Proceedings of the International Symposium on Performance Science* (pp. 425-430). Utrecht: European Association of Conservatories (AEC).
- Schellenberg, Glenn (2006). Long-term positive associations between music lessons and IQ. *Journal of Educational Psychology*, 98(2), 457-468.
- Simão, Rute I. P. (2005). *A relação entre actividades extracurriculares e o desempenho académico, motivação, auto-conceito e auto-estima dos alunos*. Monografia final de curso da licenciatura em Psicologia. Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, Portugal. Retirado em novembro 12, 2012, de <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0039.pdf>
- Southgate, Darby, & Roscigno, Vicent (2009). The impact of music on childhood and adolescent achievement. *Social Science Quarterly*, 90(1), 4-21.

Wetter, Olive, Koerner, Fritz, & Schwaninger, Adrian (2008). Does musical training improve school performance?. *Instructional Science: An International Journal of the Learning Sciences*, 37(4), 365-374.

Legislação consultada

Decreto-Lei nº 6/2001, de 18 de janeiro. Estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão curricular do ensino básico, bem como da avaliação das aprendizagens e do processo de desenvolvimento do currículo nacional. Retirado em dezembro 3, 2010, de http://www.gave.min-edu.pt/np3content/?newsId=31&fileName=decreto_lei_6_2001.pdf

Decreto-Lei nº 18/2011, de 2 de fevereiro. Procede à alteração do Decreto-Lei nº 6/2001, de 18 de janeiro, alterado pelos Decretos-Leis nºs 209/2002, de 17 de outubro, 396/2007, de 31 de dezembro, e 3/2008, de 7 de janeiro, que estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão curricular do ensino básico, bem como da avaliação das aprendizagens e do processo de desenvolvimento do currículo nacional. Retirado em junho 20, 2012, de <http://dre.pt/pdf1sdip/2011/02/02300/0065900669.pdf>

Despacho nº 141/ME/90, de 1 de setembro. Aprova o modelo de apoio às actividades de complemento curricular. Retirado em outubro 20, 2010, de <http://www.prof2000.pt/users/lsimoes/dturma/legislacao/d141-me-90.htm>

Despacho nº 12591/2006, de 16 de junho. Orientações relativas à organização das actividades de enriquecimento e complemento curricular. Retirado em novembro 23, 2010, de http://legislacao.min-edu.pt/np4/np3content/?newsId=1186&fileName=despacho_12591_2006.pdf

Lei nº 46/86, de 14 de outubro. Lei de Bases do Sistema Educativo. Retirado em novembro 23, 2010, de <http://www.dges.mctes.pt/NR/rdonlyres/2A5E978A-0D63-4D4E-9812-46C28BA831BB/1126/L4686.pdf>

Lei nº 85/2009, de 27 de agosto. Estabelece o regime da escolaridade obrigatória para as crianças e jovens que se encontram em idade escolar e consagra a universalidade da educação pré-escolar para as crianças a partir dos 5 anos de idade. Retirado em maio 15, 2011, de <http://dre.pt/pdf1s/2009/08/16600/0563505636.pdf>